

384

N.º 4



FEVEREIRO
DE 1922

PERALTA — 1921

:: MENSÁRIO DE ARTE ::

SUMÁRIO

- A UM POETA D'AGUA DOCE — por *João Penha*.
- DAS DECANTADAS ROSAS — por *Armando Garcia de Lima*.
- JAMAIS — por *Alfredo de Musset*.
- NUNCA — por *António Ferreira*.
- É A SAUDADE QUEM FALA — por *Otto Machado Falcão*.
- SHABBATH — por *A. Ben-Rosh*.
- LENDA — por *Titolivio dos Santos Mota*.
- ESPÔSA DOS CANTARES — por *Antão de Moraes Gomes*.
- ÚLTIMA PÁGINA — por *Artur da Silva Guimarães*.
- ALELUÍA — por *Jorge de Novais Cruz*.
- AS CARVOEIRAS — por *Guilherme Felgueiras*.
- VIDA LITERÁRIA — C. G.

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
DE «A TRIBUNA» — RUA DUQUE DE
LOULÉ, 103 a 124 — PORTO :: :: :: ::

::: HV MV S :::

MENSÁRIO DE ARTE

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
TITOLÍVIO MOTA
ADMINISTRADOR — JACINTO ANDRADE
EDITOR — ACÁCIO DE GOUVEIA

FUNDADORES
CELESTINO GOMES
ANTÓNIO PEREIRA CARDOSO
TITOLÍVIO SANTOS MOTA

ASSINATURAS

Ano.....	5\$90	Trimestre.....	1\$50
Semestre.....	2\$95	Numero Avulso.....	\$60

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE S. ROQUE DA LAMEIRA, 2334

PORTO

DOS NOSSOS COLABORADORES

LIVROS QUE SE ANUNCIAM:

AMOSTRAS SEM VALOR — por Afonso de Bragança.

CONTOS BARBAROS — por António P. Cardoso.

DOR E SAUDADE — quadras por D. Thibaldina R. Motta.

MAL-ME-QUER — por Celestino Gomes.

NUVENS — por Abílio de Mesquita.

PAÇOS DO ENCANTAMENTO — por Narciso de Azevedo.

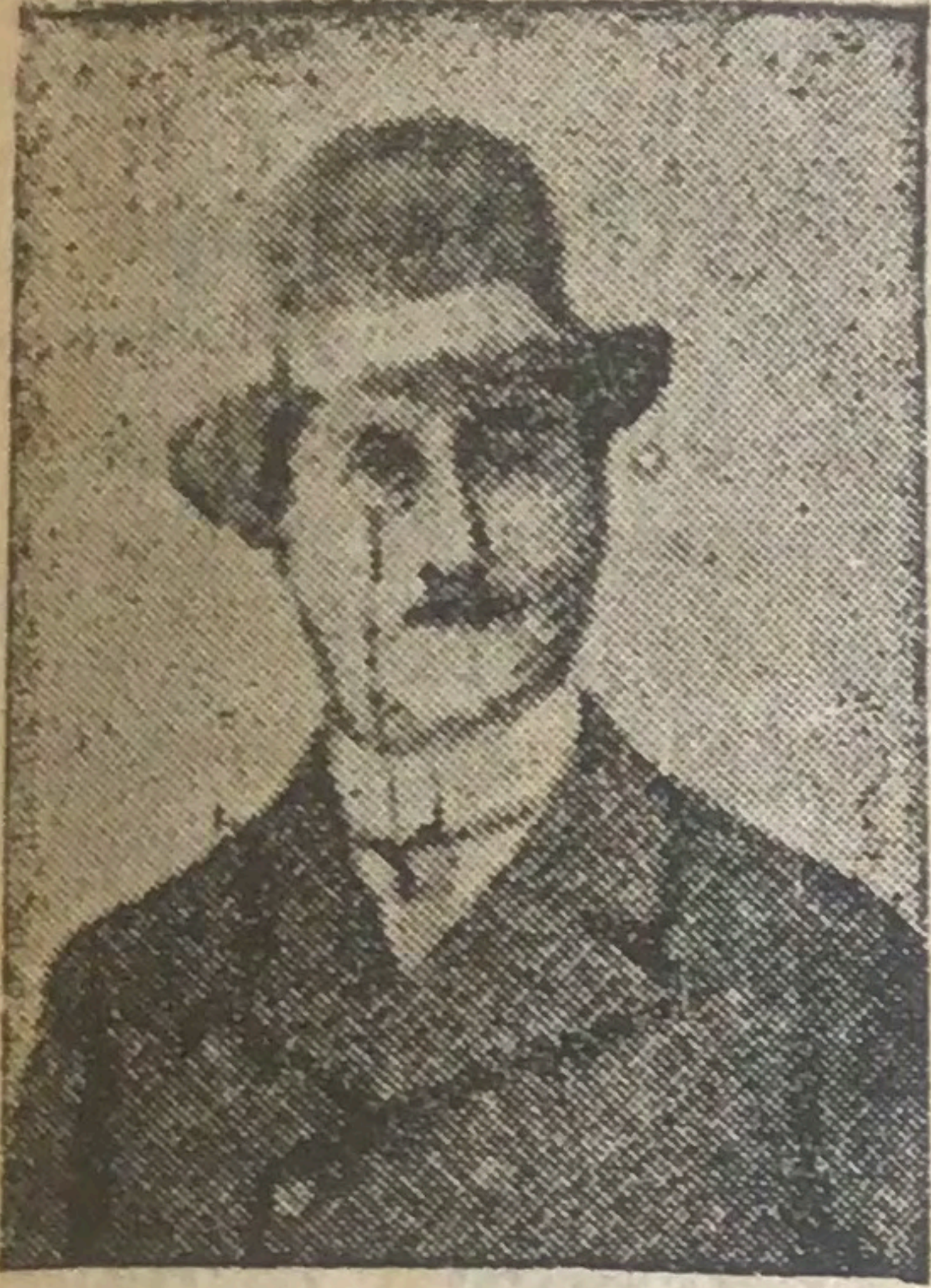
PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO DO QUENTAL —
por Leonardo Coímbra.

P'RÁS MOÇAS DA MINHA TERRA — quadras por António P.
Cardoso.

DOBADOIRA — por António de Souza.

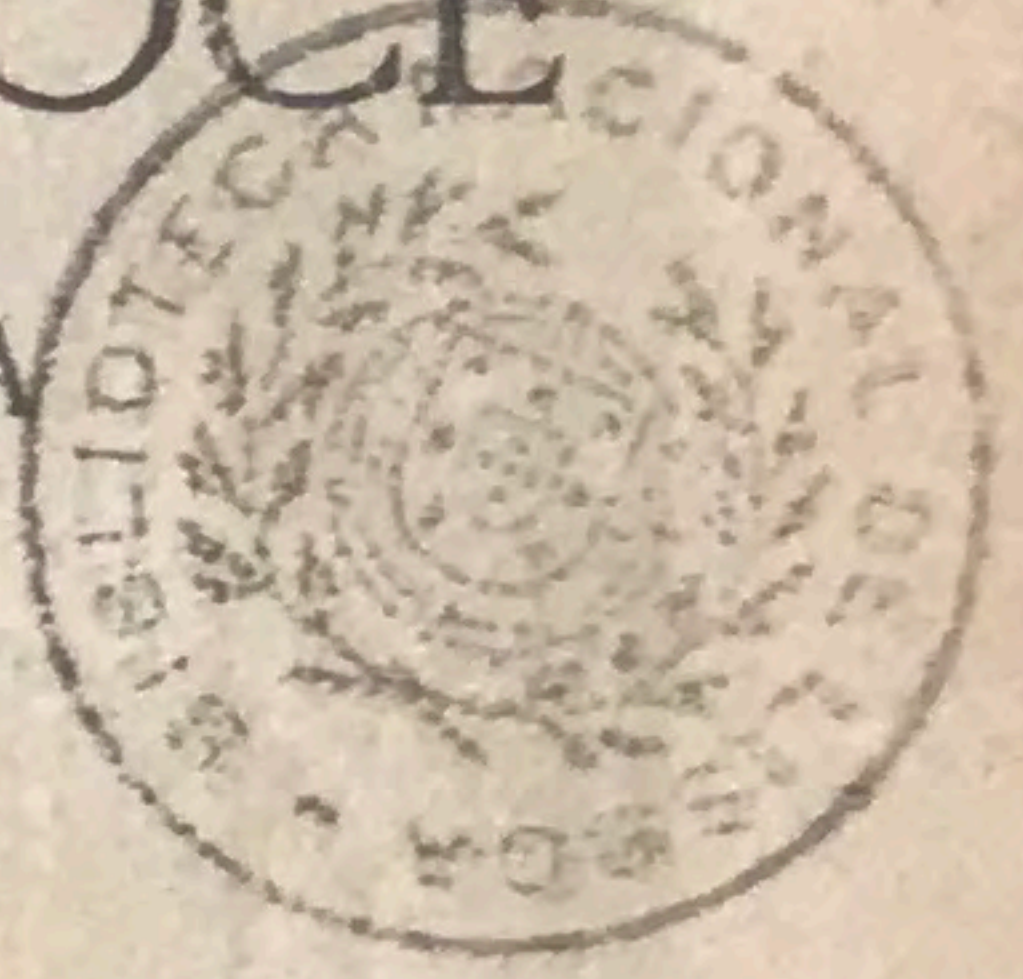
ALG. DEP. LEG.
DEP. L

:: HUMVS ::



A UM POETA D'AGUA DOCE

por JOÃO PENHA



*Toma um namoro, poeta:
Um vate sem uma amada
Não vive, apenas vegeta,
Faz versos, e não faz nada.*

6-VIII-17.

A um poeta d'agua doce

*Toma um namoro, poeta:
Um vate sem uma amada
Não vive, apenas vegeta,
Faz versos, e não faz nada*

João Penha

6-VIII-17

DAS DECANTADAS ROSAS...

AO VISCONDE DE VILLA MOURA
DE ARMANDO GARCIA DE LIMA



Toão Carlos

s roseiras do jardim cobriam-se de rosas, perfumadas e de garridas côres.

Apenas uma, a que crescia junto do quadrante solar não tinha sequer um botão.

As companheiras diziam umas às outras, em ar de môfa, que para nada prestava a roseira que crescia ao pé do velho quadrante coberto de heras.

A mais visinha, uma opulenta roseira de flores vermelhas como corais sangrentos e aveludadas como olhares de fieis amantes, disse-lhe numa manhã de sol; quando abria vaidosa a sua melhor flor:

Quando has-de tu, miserrima roseira, cobrir-te de régias flores como estas de que me enalteço?

Quando, pobre de ti, terás a alegria suprema, de criar beleza, assim púra e lídima como a das minhas pétalas

tenuíssimas como teias de aranha e rubras como os mais desvairados desejos?

Assim te estiolas ao canto do quadrante, no esquecimento bárbaro das coisas baças e inúteis, estéril como o ventre das vestais!

Lembra-te que a sombra do quadrante, no seu giro lento, vai desfiando a procissão solene das Horas, e que a Morte, a Excelsa, o remate da nossa carreira, espregueira implacável o seu momento.

Morres, pobre, mirrado arbusto, sem as alegrias da maternidade, sem os trabalhos dolorosos e sublimes dum parto glorioso!

Ao que a roseira que crescia ao pé do velho quadrante respondeu:

— Que queres tu rainha deste encantado jardim!

Que queres minha altiva inimiga?

Nunca no meu orgulho me prestaria a dar flores como as vossas, porque, desde a Creação, as roseiras teem dado rosas como as vossas: a mesma côr de pétalas, a mesma tessitura, o mesmo perfume!...

Vós sois banais, atrósmemente banais, vaidosas flores que vos prestais à imoderada repetição de formas, de caracteres!

Eu na humildade deste canto, ao pé do quadrante das Horas, bem vejo o Tempo galopar, mas não me decido a florescer, porque as minhas flores seriam como as vossas, desoladamente idênticas às de todas as belas roseiras, mais um exemplar da obra infinita da Creação em matéria de rosas.

Não me sujeito, não, preciosa inimiga, a ser como vós!

Mais alto se ergue o meu desejo. Eu quero ser a Única, a flor da Eleição dos Raros, para quem o Raro é o sangue do próprio coração!

E riram-se as outras roseiras num abrir e fechar de pétalas como lábios voluptuosos.

A manhã desabrochou como uma flor gigante abrindo as melindrosas pétalas de Luz. Um ponto, a distância ilumina fortemente o cálice veludíneo do

ceo e gorgeios, bênçãos de trilos, fragâncias finíssimas e suavíssimas, alvares rutilantes, saudaram o divino mistério do Alvorecer.

E a roseira do orgulho máximo, a que crescia ao pé do quadrante solar coberto de heras, floresceu finalmente.

Um trabalho lento e pertinaz, modificou as correntes da sua seiva, dissociou a composição do seu perfume, alterou, amalgamou, refêz, os recessos mais íntimos da sua paleta, e uma rosa surgiu extranha e singularíssima e única da ingénua côr da esmeralda, com o olôr capitoso da magnólia régia, raiado de emanção do perfume das violetas.

Mas, ai! As rosas visinhas não deram pela nova flor.

Acharam apenas mais folhas na roseira de ao pé do quadrante pois que para elas, a nova rosa-verde não tinha individualidade para atingir a categoria de flor. — E riram-se novamente da estulta pretensão da companheira, na inconsciência brutal da maravilha sem par que nascera ali perto!

Com que brilho e graça, no entanto, a prodigiosa flor se pavoneava, derramando torrentes dum perfume inédito, sublinhando a raridade da sua côr com o mais delicado recorte das suas pétalas esguias!

Mas, triste, quem a notaria.

Entre o chuveiro de aromas das outras flores em concerto, perdia-se a sua fragância; entre a verdura viçosa de tantos arbustos, disfarçava-se a sua côr sublime e nova.

E desatendida, incompreendida, desconhecida, a sua existência decorreu numa insipidês, num anonimato cruciantes!

Até que um dia em que o seu desespero mais a atormentava, resolveu chamar a atenção das que floresciaam à sua roda.

— Que dizeis de mim desdenhosas?

Não compreendeis quanto esforço, quanta subtil maquinação representam as minhas formas, o meu perfume e sobretudo a minha côr?

Não merecerei os vossos elogios a vossa admiração?

Mas ainda maiores privações lhe reservavam as suas palavras. Então a troça foi geral.

Houve rosas que, com o riso até deixaram cair as suas pétalas, e pelo jardim esvoaçava uma nuvem de pólen que as intensas e sêcas casquinhas desprendiam.

E de novo a roseira de flores vermelhas como corais sangrentos e aveludados como olhares de fieis amantes voltou a escarnecer:

— Que havemos de admirar em ti, pobre louca, que a vaidade desmedida tornou tão ridícula!

Onde estão as tuas flores?

Acaso chamarás rosa ao conjunto dessas sépalas mesquinhas e de tão exótico perfume?

Nunca terás o praser doloroso de sentires cortar a haste que sustenta a tua hipótese de flôr... a tua pseudo flor... jámais moço enamorado te cortará, ó irmã das miseras folhas, para cheio de luxúria, te pôr sobre os virgíneos seios da sua bem amada.

Nunca, nunca te queimará o calor dum peito de mulher, não sentirás palpitar um coração ardente!

Que motivo nos dás, para que nós, roseiras de preço e por todos estimadas, te rendamos preito e homenagem?

Como és louca, como és ridícula!

Nós, sim, que somos o orgulho dos jardineiros.

Nós, de quem os Poetas falam nos madrigais!

Como és louca, como és ridícula!

E mais fortes e estridentes, as gargalhadas ecoaram pelo jardim acordando a passarada ainda adormecida.

A roseira estranha e única ouviu, indiferente e ativa a crítica das suas irmãs. Nenhuma percebera a sua obra, nenhuma penetrara no Misterio subtil do seu sistema. Mas a sombra do quadrante ia girando lentamente, placidamente; o tempo desfiava o rosário rápido e apavorante das fugases Horas... e com elas, esbatia-se a frescura e o viço das setíneas rosas.

E a sombra foi girando, e as pétalas caíndo...

Umás após outras foram tombando as pétalas macias de todas as flores do jardim.

Sobre o tapete da relva, caprichosos bordados de inúmeras côres formam-se, pelas pétalas caídas ao abandono.

Adivinhava-se já na viuvez dos canteiros a próxima chegada do inverno.

A flôr da roseira que crescia ao pé do velho quadrante também já o vento a desfolhara.

Na confusão de côres que mosaicavam o relvedo, mal se distinguíam agora as pétalas da Rosa-Verde.

E então uma tristeza outoniça invadiu a roseira que tanto se esforçou por crear uma obra sua, que à ironia do tempo resistisse.

E ouviu-se, uma voz em que transparecia toda a Dôr da sua alma de eleita, a roseira lança a sua queixa amarga:

— Irmãs, ó companheiras deste jardim, de nada valeu o meu esforço, para nada serviu o meu trabalho?

Todas, gosaram uma vida de calma, de socego, sem a preocupação de desvendar os mistérios que nos envolvem, sem o desejo sublime de realizar uma Obra.

Mas eu, que trabalhei, que me esforcei, para marcar a minha personalidade, morro incompreendida, morro como vós, com o esquecimento de todos, sem um agradecimento, sequer, para compensação do meu inútil trabalho.

Para quê, uma vida de canceiras! Malditas rosas, que a banalidade da vossa formosura não deixou interpretar o meu sentir! Malditas, que só vos preocupais com coisas mesquinhas e terrenas.

Todo o meu ser convulsionou no meu ideal empenho, atingi em relâmpagos de génio o condicionalismo mais secreto das fontes da Vida, determinei, dirigi, orientei, polarisei as forças bárbaras da Creação e tudo se abate sem a mais banal recompensa, o Universo não lança um olhar curioso ao menos para tão áspera luta e tão meritório esforço!

Para quê, para quê, ânsias de criação, para quê, para quê, esforço, trabalho, canceira, luta porfiada?

O mesmo pó será o despojo final da rosa inédita e da rosa vulgar, dilícia do filisteu!

Os vendavais apareceram.

Nenhuma flor restava... O chão era um tapete de pétalas ressequidas, sêcas, do amarelo incaracterístico das coisas mortas

E no mesmo campo santo de pétalas, jaziam de mistura as da Creadora e os das Servis, sem um leve sinal que os distinguisse, nesse péle-méle de Morte e de Adandono.

JAMAIS

(1839)

POR ALFREDO DE MUSSET

Jamais, avez-vous dit, tandis qu'autour de vous
Résonnait de Schubert la plaintive musique;
Jamais, avez-vous dit, tandis que, malgré vous,
Brillait de vos grands yeux l'azur mélancolique.

Jamais, répétiez-vous, pâle et d'un air si doux
Qu'on eut cru voir sourire une médaille antique
Mais des trésors secrets l'instinct fier et pudique
Vous couvrit de rougeur, comme un voile jaloux.

Quel mot vous prononcez, marquise, et quel dommage!
Helas! je ne voyais ni ce charmant visage
Ni ce divin sourire, en vous parlant d'aimer.

Vos yeux bleus sont moins doux que votre âme n'est belle,
Même en les regardant, je ne regrettais qu'elle
Et de voir dans sa fleur un tel cœur se fermer.

NUNCA

(1921)

POR ANTÓNIO FERREIRA

Nunca, dissestes vós, enquanto que a chorar
De Schubert ressoava a música plangente;
Nunca, dissestes vós, e um íntimo pezar
Brilhava no azul do vosso olhar dolente.

Nunca, outra vez... E, pálida, vós tinheis o ar
Duma medalha antiga a sorrir docemente
Mas, qual purpúreo véu, logo vos fez córar
O instincto dum tesouro oculto castamente.

Que palavra cruel, marqueza, e que desgosto!
Eu não olhava, não, o vosso lindo rosto
Num divino sorrir, falando-vos de amor.

Sentia menos doce que a voss'alma bela
O vosso olhar azul... e chorava por ela
Ao ver um coração fechado numa flor.

António Ferreira

É A SAUDADE QUEM FALA...

POR OTTO MACHADO FALCÃO.

Sou a tristeza alegre da abalada
E o sorriso nostálgico e doente
De quem fica chorando amargamente
Uma partida brusca e descuidada;

Sou mistério e sou luz, luar de mágoa,
Mundo de sonhos numa gota de água
Que se perde da Dor no imenso mar.

Sou a música triste de balada
Que um coração entoa fracamente
Se a sombra dum desgosto dissolvente
Vem desfazer-lhe numa ilusão sonhada;

Sou a razão de ser dos seres que esperam
Vir a encontrar venturas que tiveram,
E que a Vida desfez no seu dobar!

Otto Machado Falcão

OS NOVOS



OCTAVIO SERGIO

POR ANTÓNIO VARELA

SHABBATH

POR A. BEN-ROSH.

I

ÁRBITH



AÍÁ a tarde. Defronte, a Synagoga sombreada pela sua gigantesca palmeira reflectia nas janelas o clarão do sol poente que a parecia incendiar.

Contemplando este quadro o pensamento transportava-me para um paiz longinquo, onde tambem a palmeira dá sombra e onde ha egualmente um céu tão azul e tão santo como o peninsular.

A voz de Yakob despertou-me do meu sonho:
— Si Abraham, são horas de Arbit.

Levantei-me.

As mulheres haviam já acendido as lampadas em honra do Shabbath.

Saimos, atravessamos a praça e entramos na Synagoga.

A profusão de luzes fazia contrastar singularmente as negras sobreca^sacas com os trajos orientaes de alguns e com as túnicas azuis dos rabinos e do côro.

Sentei-me. O Hazan com voz gutural entoava o Lekah Dody a que o Kahal se associava.

— Santuário Rial, cidade santa. Ó Jerusalem! Sai dos teus escombros. Demasiado habitastes no vale de lágrimas...

Basta de tormentos! basta de angústia! Basta de vergonha, os pobres encontrarão alfim um refúgio e a cidade levantar-se-há das suas ruínas!

Em seguida o Kahal psalmodia o canto do Shabbath (sabado). Quando o final dêste se perdeu de todo elevou-se a voz do rabino:

— Escuta, povo de Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.

E num leve cicio termina o Shemah. O coro infantil faz ouvir então o seu doce gorgoeio:

— Faz, ó Nosso Pai, que nos deitemos em paz e que nos levantemos cheios de vida.

— Estende sobre nós o pavilhão da paz e favorece-nos com as tuas felizes inspirações.

— Socorre-nos por amôr do teu nome e protege-nos.

Perdida a última nota deste canto, os filhos de Israel levantam-se, voltam-se para o lado da Cidade Santa e inclinando-se elevam em espírito e verdade louvores ao Deus de Abraham, de Isae e Yakob.

Agora magestoso e inebriante, envolvendo-nos numa atmosfera de sonho, sobe gradualmente o Ygdal, profissão de fé do povo perseguido e amaldiçoado atravez os povos e atravez as idades.

Terminára a oração de Arbit.

A Synagoga esvazia-se lentamente. No átrio trocam se apertos de mão segundo o uso oriental e mutuamente desejam o Shabbath Shalom (um sabado em paz). A noite vae lentamente envolvendo Lisbôa no seu manto de trevas.

II

CEIA DE SHABBATH

A noite caíra rapidamente.

Na casa vizinha ouviam-se já os cantos do Shabbath. Tomamos o nosso lugar á meza reservando o extremo ao velho Yehudah e entoamos na velha língua santa o belo hino do lar, que a mulher diviniza.

"O preço da mulher excede tudo o que vem dos últimos confins da Terra.

"O coração do seu marido põe nela a confiança e ela torna-lhe belos todos os dias da vida.

"Ela abre a sua mão ao necessitado, estende os seus braços para o pobre.

"Abre a sua boca á sabedoria e a lei da clemência está na sua língua.

"Levantaram-se seus filhos e aclamaram-na ditoza; levantou-se seu marido e louvou-a.

Agora, o velho Yehudah, segurando um copo cheio de vinho, profere a Berakah (bênção), apoz a qual leva-o aos lábios, bebe um pequeno gole e por todos distribui o restante.

Toma então o pão e depois do Hamossy a cada um entrega um pequeno bocado.

Sentamo-nos todos.

Começa a ceia e com ela a conversação que depressa se anima.

Cruzam-se os ditos, contos e ingénuas narrações, em que o português e o castelhano se matizam com o arabe e o hebreu. Nenhum eco das paixões que tumultuam lá fóra na grande cidade consegue perturbar a alegria e felicidade que reinam nesta deliciosa Babel.

Que noite a de Shabbath! Nela ha encanto, beleza e harmonia...

Contou-me um velho Hazzan que um dia um judeu quizera ser cristão, mas chegado o Shabbath faltando-lhe a adafina voltára para os seus e jamais os quizera abandonar.

Quanta verdade não encerra êste conto que na aparência tanta falta de senso revela!

Não foi o prato característico do sétimo dia, não foi a adafina por si a causa do regresso do convertido, mas a encantadora noite de Shabbath que ela simbolisa.

Em nenhum povo o amor da família tanto se elevou como no judeu, nesse amor residia o seu segredo, o talisman precioso que á raça hebrêa deu aquela tenacidade inquebrantável que a caracteriza.

Nações, impérios, raças e tribus brutalmente torturaram e humilharam os filhos de Israel para os esmagar e da terra apagar o seu nome: esses povos passaram, desapareceram e o judeu pequeno e fraco vive ainda.

E vive, porque, quando, após porfiada e tenaz luta, regressava ao lar já exausto e prestes a succumbir, no seio dos seus encontrava bálsamo para as suas feridas, consolação para as suas amarguras e lágrimas para as suas desgraças.

III

SHAHARITT

A manhã de Shabbath estava encantadora. Entrando pelas janelas ogivais, vinha do jardim uma leve aragem perfumada que, acariciando-nos brandamente, nos enlanguescia.

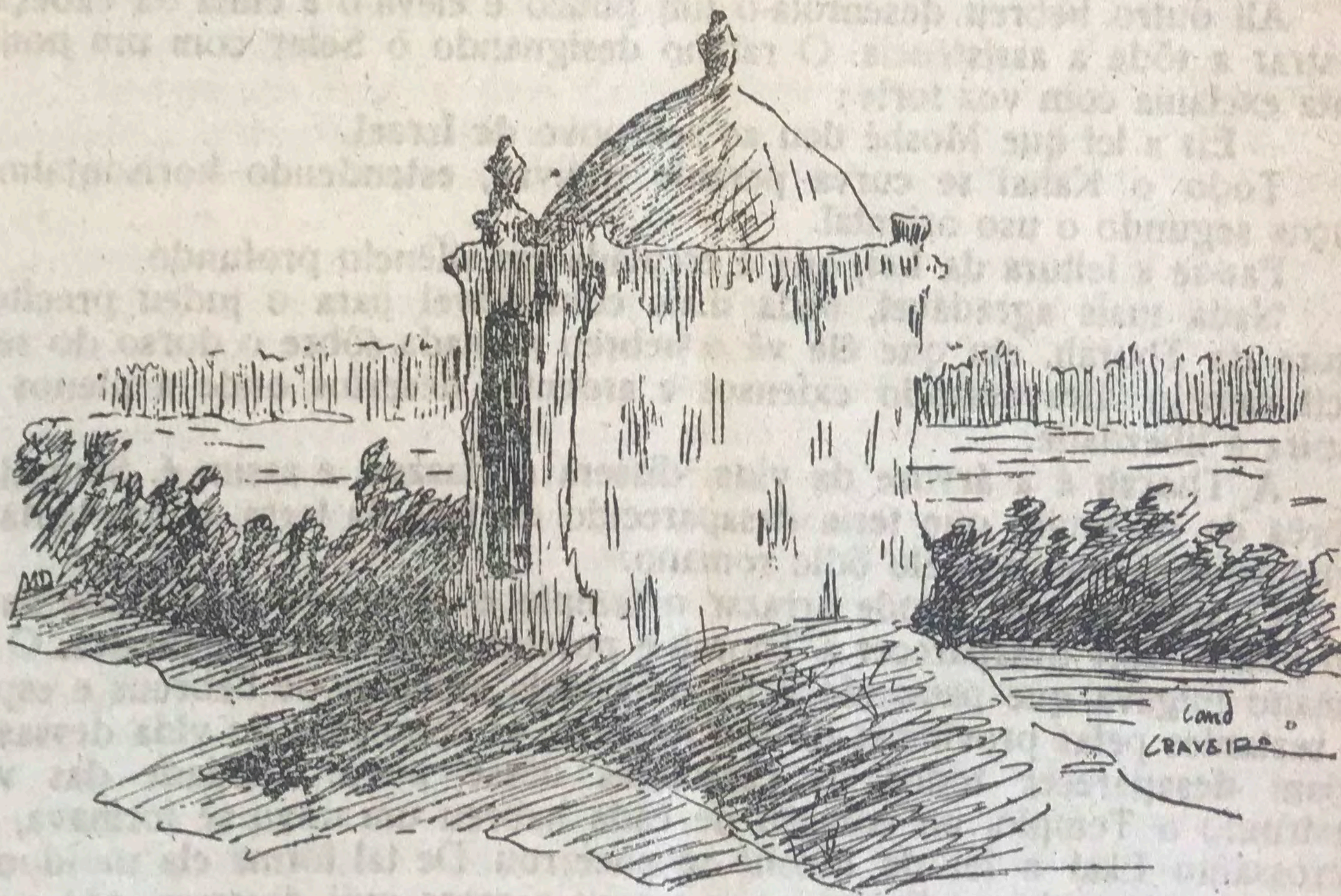
Na Thebah (tribuna) o joven Haim com a sua voz fresca e sã fazia ecoar por toda a sinagoga os Tehelins (psalms) do rei profeta.

Velhos judeus de fisionomia austera entram no recinto, dirigem-se para os seus logares a passos lentos, envolvem-se no manto nacional (Taleth) e sentam-se.

Nas galerias veem-se as formosas filhas de Sion que trajam luxuosas e elegantes vestes.

Entram os Rabinos, sobem para a Thebah e envolvem-se nos seus mantos de seda azues e brancos.

O Hazzan (oficiante) profere uma pequena prece, e todo o Kahal entoia o canto de alegria com que os filhos de Israel apoz a passagem do Mar Vermelho louvaram o seu Deus, por se verem libertos para sempre da escravidão egipcia.



VELHA ERMIDA

de Cândido Craveiro.

Assim que se extingue o último eco deste canto (Az Yashir Moshé) o rabino implora do Deus de Yakob:

«—Deus do Universo, estende sobre nós a tua misericórdia.

«Tu, que uos escolheste entre os povos, despedaça o jugo que sobre nós deza, reúne-nos aos nossos irmãos dispersos pelos quatro cantos da terra e restabelece-nos no nosso paiz.

«Então entoaremos os canticos de louvor a ti, Deus Grande e Soberano, que abaixas os orgulhosos, que elevas os humildes, que quebras os grilhões dos escravos, libertas os oprimidos e exalças o teu povo».

É proferida então por todo o Kahal de pé e em silêncio a oração de Amidah.

Vai proceder-se á leitura da Lei. O rabino, descendo da Thebah acompanhado pelos Shamashim (serventes) alguns fieis, caminha lenta e magestosamente sobre a passadeira que conduz ao Ekal (arca). O Hazzan sobe os degraus de mármore e dali diz a toda a assistência:

— Moshé deu-nos a Lei, que constitue uma bela herança para a comunidade de Yakob.

« É a arvore da vida para os que a ela se amparam.

«Feliz aquele que repouza á sua sombra, porque ela os guia por agradáveis caminhos e aprazíveis veredas.

“A paz está com os que amam a Lei e esses jámais cairão”.

Pronunciadas estas palavras os shamashim fazem deslizar para os lados as táboas de mármore onde estão esculpidos os dez mandamentos e afastam as cortinas deixando patente o interior do Ekal onde se vêem enfileirados os rolos manuscritos do Pentatheuco.

Um dos assistentes, previamente designado, tira um Sepher Thorah (livro da lei) e dirige-se para a Thebah onde o manuscrito é despojado das sêdas que o cobrem.

Ali outro hebreu desenrola-o um pouco e eleva-o a cima da cabeça para o mostrar a tôda a assistência. O rabino designando o Sefer com um ponteiro de prata exclama com voz forte:

— Eis a lei que Moshé deu ao seu povo de Israel.

Todo o Kahal se curva perante o livro, estendendo horisontalmente os braços segundo o uso oriental.

Faz-se a leitura da Lei, que é escutada em silêncio profundo.

Nada mais agradável, nada mais confortável para o judeu precíto que a leitura da Thorah, em que êle vê o hebreu nómada sôbre o dorso do seu útil e dócil camêlo, atravessando extensos e ardentes desertos onde a plenos haustos respira a liberdade.

A Thorah é a árvore da vida, dissera o Hazzan, e assim é. Sem ela a raça hebrêa de ha muito que teria desaparecido da face da terra, como tantas outras igualmente investidas pelo ódio romano.

O ariete latino poudes arrazar o templo e os muros da Cidade Santa mas não poudes fazer desaparecer a Thorah e portanto a vitalidade hebraica. O orgulho romano julgava que passando a fio de espada milhares de hebreus e espalhando os restantes pelas províncias do seu império, as condições de vida dessas regiões fariam desaparecer todos os caracteres dêsse povo. Vaidade das vaidades. Destruído o Templo, no coração de cada hebreu um novo se formava, em cnjo sacrossânto Ekal a lei de Moshé se encerrou. De tal fórma ela moldou a alma hebraica, que embora dispersa por povos e raças mui diversas, não poudes ser influenciada pela sua etnologia, e, quer os judeus habitem New-York ou Moscow, qner Tanger ou Stambul, a todos une a mesma saudade, a todos une a mesma aspiração:—A saudade da Pátria perdida, a aspiração de a poder recuperar um dia.

IV

HABDALAH

Quando na noite de Ehad entrei na Sinagoga, já se haviam proferido as orações de Shemah e de Amidah, e Semtob, o jovem Shamash, andava de logar em logar entregando a cada um dos assistentes um pequeno ramo de mirto.

Feita a distribuição sobre uma coluna de madeira envernizada existente ao lado esquerdo da Thebah numa bandeja de prata, Semtob deposita os ramos que lhe restam. Nesta bandeja além dos ramos existe um calix de prata lavrada e um castiçal segurando uma vela de cera.

Entretando a voz do Hazzan, repassada de mágoa e dôr, evocava o feliz tempo do Mashiah (Messias), "...cujo poder fará florescer a Lei e cuja boca nos anunciará boas novas; nos ha de livrar das trevas e a luz nos dará,,.

Este canto só é interrompido pelo Kahal que na velha língua santa pede ao seu Deus a breve realização das profecias.

Concluindo o canto messianico (Habdalah) o rabino e toda a assembleia elevam as suas vozes:

— Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, torna todos os dias da nossa vida aprazíveis e felizes.

— Favorece-nos com o dom da sabedoria e da inteligência. Lança a tua bênção sobre a cabeça dos que favorecem o teu povo de Israel.

— Abre-nos as portas da Luz, da Sciência, da Sabedoria, da consolação e da paz,,.

O Shamash sobe á Thebah, acende a vela de cera, e Rabbi Abraham, sobre o vinho, sobre o mirto e sobre a chama pronuncia as Berakos (bênçãos).

Levanta-se agora um joven todo vestido de negro e com voz impregnada de tristeza infinda murmura o Kadish (oração fúnebre) honrando a memoria do pai recentemente falecido, sobre o qual pede a proteção do Deus da sua raça. A oração do joven, escutada em silêncio profundo, é interrompida de quando em quando pelo Amen (assim seja) proferido pelo Kahal.

Abrem-se de par em par as portas do guarda-vento, e os hebreus que vão saindo trocam entre si juntamente com o aperto de mão, o Shabuah tob (uma boa semana).

É o sétimo dia do mês, não podemos retirar-nos ainda porque se vai proceder á Berekat Halebanah.

A lua, no seu crescente caminha vagarosa pelo firmamento, acompanhada por um séquito numeroso de refulgentes estrêlas. Ali no jardim da Beth-Akenesset (sinagóga), recinto vedado aos indiscretos olhares por altos muros, os filhos de Israel, contemplando o astro da noite, que os envolvia no seu manto de poética e melancólica luz, elevavam ao Onipotente Deus de Abraham, de Yasac e de Yakob, cantos de reconhecimento e de amôr.

Enquanto o meu pensamento reconstitue scenas idênticas no nosso saudoso e sacrosanto país de Kanaan, da cidade subia para o céu um ruido surdo e imenso, característico produto da vida agitada e febril das modernas sociedades.

(Do livro em preparação
Sepharadim (os luso-hebreus).

A. Ben-Rosh

LENDA

DE TITOLIVIO DOS SANTOS MOTA.

Portugal, terra de lenda,
De mistério e de luar.
Céo azul, nuvens de renda,
Portugal, lenda do mar.

N'um castelo abandonado
Em noites de lua-cheia,
Bate o luar encantado
Tecendo formosa teia.

E dizem as pastorinhas
Verem mouras, dos outeiros,
Branquinhas, muito branquinhas,
Como a lã dos seus carneiros,

Passear pelas ameias
Com olhos cheios de pranto
E as faces de pranto cheias,
A cumprir o seu encanto.

1921.

E longe, lá muito longe
Onde o céu abraça a terra,
Ergue-se o canto dum monge
Ecoando em toda a serra.

Mas depois quando na ermida
Tange o bronze despertado,
Acaba-se a triste lida
No castelo abandonado.

E tudo volta a sonhar...
Na noite de lua-cheia
Apenas fica o luar
A tecer a branca teia.

Portugal, terra de lenda
De mistério e de luar,
Céo azul, nuvens de renda,
Portugal, lenda do mar.

Titolivio Santos Mota

ESPOSA DOS CANTARES

POR ANTÃO DE MORAES GOMES

As Estrêlas de Deus são as madrinhas
D'estas minhas Quimeras batisadas.
— As Estrêlas são minhas Comadrinhas,
Minhas Quimeras suas afilhadas.

Ide, Quimeras, ide, filhas minhas,
Para as Páscoas do Céu entre sonhadas!
Levai Ramos de Lágrimas fresquinhas,
Para as madrinhas darem consoadas.

Ide Quimeras, ide em Comunhão!
Em procura de mais consolação,
Pelos caminhos virgens d'esses Ares.

— E tu, minha Quimera-Maiorsinha;
Has-de dizer para a tua Madrinha,
Que foste a minha Espôsa dos Cantares.

Antão de Moraes Gomes



COSTA-NOVA

OLEO DE
CARLOS FRAGOSO

<HVMVS> n.º 4

ÚLTIMA PÁGINA

POR ARTUR DA SILVA GUIMARÃES

Afinal, afinal tinhas razão.
Adeus. Podes partir. Deixas-me enxuto o olhar:
Há lágrimas que vêm do coração
Sem que os olhos, Amor, possam chorar.

Não vai o meu ciume
Pedir-te que não vás...
Que me fica de ti? O teu perfume
Intenso e perturbante de lilaz.

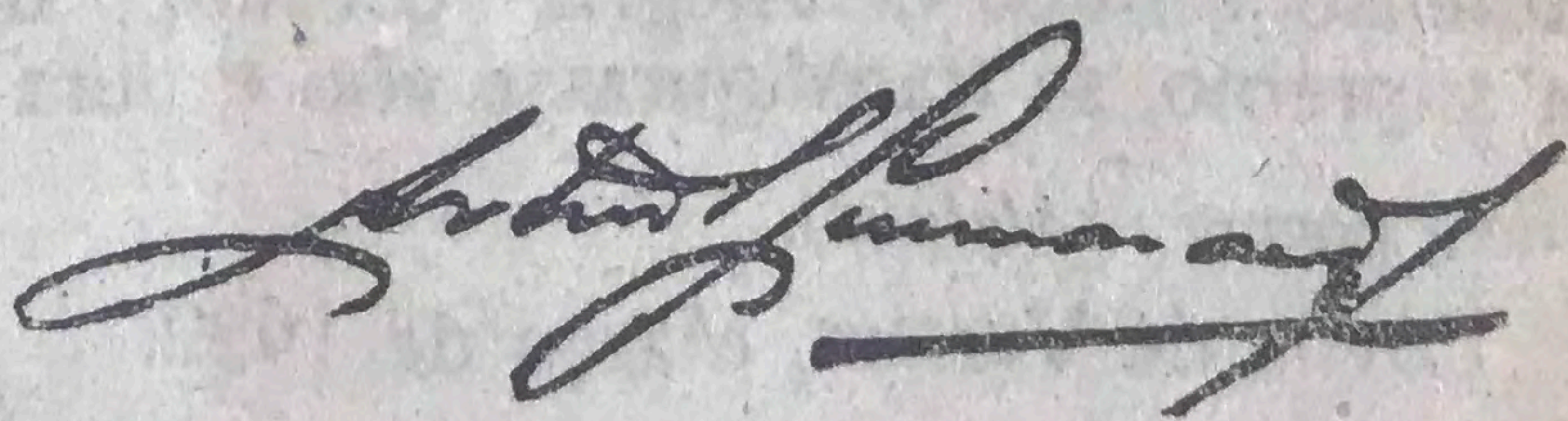
Fica-me o teu perfume e é quanto basta:
Ha-de a minha Tortura dar-lhe fôrma,
Corporisá-lo emfim.
E enquanto que o teu corpo mais se afasta
E na bruma se perde e se disforma,
Mais eu te sentirei ao pé de mim.

Fui depressa demais... (A Dor em que me afogo
Claramente me diz: "fosses mais devagar...")
Se eu via em ti um novo encanto, logo
Outros encantos queria desvendar.

E um amor como o nosso, em que o Desejo
Sempre e sempre falou — pouco resiste.
Não devemos sorvê-lo num só beijo,
Nem buscar a razão porque êle existe.

Afinal, meu Amor, para lembrar-te
Muito mais do que levas, me deixaste:
Fizeste-me poeta; a minha Arte
É o modo de sofrer que me ensinaste.

Pobre Arte que resume
A sombria Velhice dum rapaz...
Adeus. Podes partir. Não vai o meu ciume
Atraz de ti, pedir-te que não vás!



ALELUÍA

DE JORGE DE NOVAIS CRUZ

«Quem não ama está na morte». — SÃO PAULO.



LHOS nos olhos—quietude de águas mortas a reflectir enter-
necido azul do céu, céu-azul revendo-se, amoroso, por
águas mortas; mãos atadas como heras em velhinhos cas-
telos de balada; mui juntos e amigos—carinhoso abraço
que não mais deslace;—vê, assim, um bem do outro,
alma só cheia de nossas almas a comungar-se, que teu
bendito coração de *Senhora da Pureza* me escute e com-
preenda!

—Amo-te!

¿Ouves-me bem?

—Amo-te!

P'ra ti que, acima de tudo, me acreditas como é
mistér que acreditem as limpidas almas de graça que, por
viver em luz clara de Alegria, se confiam e dão, parece-me
bastar que aqui isto te venha dizer, em altura e fervor
de voz que recorda lindo canto de levada pelo abrir da Primavera!

¡ Minha santinha loira !

¡ Haste e botão de corpo amado, de propósito, num extranho milagre de
flôr, vindo desabrochar à primavera infinda de meu sônho!

¡ Corpo de graça-plena—frescura e lábios de ceifeiras lusiadas desgarrando
em loira canção; viva ânfora que à minha sêde insofrível de ventura deu de beber
contentamento; meu desejo fecundo a erguer-se sonoro toque de Aleluía; santissima
hóstia de pétalas pizadas; louca água de volúpia sempre a fluir e cantar,—espumas
madrugadas, açucenas, arroubos, candura de lírios môços que possível fôsse cheirar
a violetas!

¡ Brancura de neve sob Agôsto sôlhoso—lenda de neve muito dôce, neve em
seara capitosa e serena, neve de maravilha que, porventura, às mãos-cheias o Sol
com sua luz tonta afagasse de religioso oiro, perfume, tentação, êxtases,—longa
estrada de neve por onde meus lábios são místicos romeiros orando risos e beijos,
em demanda ansiosa da ermidinha da Alegria!

¡ Luar quimérico que de Nossa Senhora Lua se houvesse perdido e pela
terra em flôr se tornasse um magoado e alvinho desespero de rastos—a terra tôda
de reza humilde ao céu,—quimérico luar feito carne de rosas noivas a florir, ó
divino côrpo de meu amor!

¡ Vem, meu amor tão lindo! ¡ Abriga-te, que meu anseio de braços abertos te
aguarda!

¡ Anda minha noivinha!

... E então que teu divino corpo para mim se dê, venha inteirinho, como
um imenso cântico de Alegria—o cântico de Alegria em carne de pecado que, por
amor supremo, se transfigurasse vôo e pura alma da Vida!...

(Do meu poema — *Aleluia*).

Póvoa de Varzim, Março de 1922.

Jorge de Novais Cruz

:: AS CARVOEIRAS ::

POR GUILHERME FELQUEIRAS

Nas manhãs frias, enregeladas,
Passam em ranchos as carvoeiras;
E pelas uchas, pelas quebradas,
Sempre contentes, sempre ligeiras,
Lembram gazelas endiabradas.

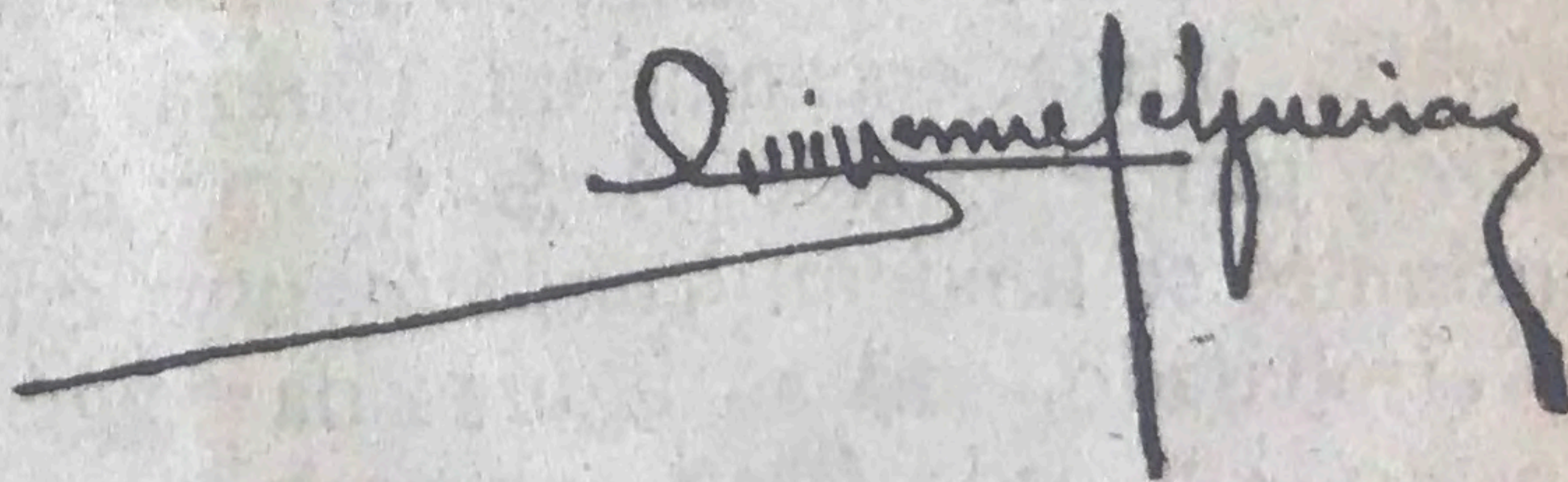
Da côr da noite, como andorinhas,
São todas negras de encarvoadas;
Sempre emigrantes as pobrezinhas,
Vagam sem norte, esfarrapadas,
Buscando a cepa das torgainhas.

Tangendo léstas mansos vegueiros
Tudo lhes corre livre de sonhos,
Sorrindo sempre pelos outeiros...
Bocas vermelhas, côr dos medronhos
Que se debruçam nos ervedeiros.

Peitos em riste, fórmãs estranhas,
Os dentes alvos, da côr da neve
Que por dezembro corôa as montanhas...
E uma delas, airosa e leve,
Pensa em casar-se para as castanhas.

Soam trindades... e pressurosas
Passam em ranchos as carvoeiras
Nas pardacentas tardes chuvosas;
Vão de fugida, sempre ligeiras
Como gazelas, ageis, nervosas.

Gerez, inverno de 1920.



VIDA LITERÁRIA

SOL NASCENTE por LUÍS DE PINA

Posto que tenha havido muito peores estreias literárias, o livro do sr. Luís de Pina, uma estreia também, é mau.

Péca pela demasiada *adaptação* de ideias de outros chegando ao plágio de versos como por exemplo, na página 46:

O luar das horas-mortas

e na página 54:

Saudades, tenho saudades

ora toda a gente sabe que o primeiro é de Mota Guedes, salvo erro, e o segundo de Afonso Lopes Vieira.

Não desespere, porém, o sr. Luís de Pina, e continue que tem qualidades. E vá lá uma lindíssima quadra do seu livro:

*— Não ha gosto sem desgosto —
e a vida assim é melhor:
se não fossem os desgostos
não tinha o gosto valor!*

REXURDIMENTO por LEANDRO CARRÉ ALVARELLOS

REXURDIMENTO é um drama galego, de vida intensa de amarguras, trabalhado a primor da primeira à última página. As pessoas, definidas numa encantadora clareza, entram-nos de pronto no coração. *Andrés*, um resignado, *Antons*, um vulcão de amor coberto por gelos que a instantes se fundem, *Consuelo*, uma criança de modinhos tristes, *Xacobe*, um arrebatado, são as figuras da tragédia íntima que se desenrola passo a passo, em cada frase, em cada palavra. Leandro Carré é, na verdade, um prosador de muito pulso.

C. G.

CONTOS BARBAROS

COM UM PREFÁCIO DE

— AQUILINO RIBEIRO —

— POR —

ANTONIO PEREIRA CARDOSO

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

DOR E SAUDADE

QUADRAS POR

D. THIBALDINA R. MOTA

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

ADORAÇÃO

CANTICOS DE AMOR

— POR —

— Dr. Leonardo Coimbra —

— A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS —

SALÃO-JARDIM DA TRINDADE

A CASA DE ESPECTACULOS
DE MAIS DISTINTA CONCORRENCIA
E MAIS LUXUOSA DO PORTO

Peliculas sensacionais e da maior actualidade

AOS SABADOS: Soirées Elegantes

AOS DOMINGOS: Brilhantes Matinéas

Concertos no salão d'inverno

NO JARDIM

Concertos de Banda

— Escola de tiro —

Iluminações — Bufet

Novo Salão HIGH-LIFE

BATALHA

O Animatografo mais popular
e mais frequentado do Pôrto

—
TODAS AS NOITES

PROGRAMA SENSACIONAL
GRANDIOSAS ESTREIAS

As peliculas da maior actualidade

EXPLENDIDO TERCETO

Execução de trechos adequados
ao assunto dos films

— Aos Domingos —

— MATINÉES —

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

FABRICAS EM:

LISBOA - PORTO - POVOA DE
SANTA IRIA - CARAMUJO
BEJA - BARCELOS

FARINHAS

SEMEAS

BOLACHAS

BISCOITOS

MASSAS

FILIAL NO PORTO:

Rua Santos Pousada, 338

— PORTO —